

MÚSICA
27 MAIO 2018

Ensemble Darcos e Nuno Côrte-Real

Mosaico

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Declamação e direção musical

Nuno Côrte-Real

Soprano

Inês Simões

Violino

José Pereira

Viola

Reyes Gallardo

Violoncelo

Filipe Quaresma

Contrabaixo

Pedro Wallenstein

Piano

Helder Marques

Coprodução

Culturgest e Temporada Darcos 2018

Dom 27 de maio · 19h30 · Galerias · Duração: 1h · M6

A musicalidade da poesia de José Manuel Mendes seduz-me desde que compus o Hino da Universidade do Minho, em 1995, sobre um belo poema seu *Estes anos são viagem*. Bastantes anos depois decidi aventurar-me por um ciclo mais largo de dez poemas, *Estuário*, começado em 2003 e apenas concluído no verão de 2007 (editado em CD e em partitura, em 2008). Estes *Destinos*, compostos em 2010, são os quatro primeiros poemas de um ciclo bem maior retirado do livro *Presságios do sul* e que penso poder vir a musicar na íntegra.

Gosto muito deste seu formato pequeno, como se numa palavra coubesse a vida (os poetas, alguns, sabem fazê-lo!) Anda por aqui alguma suspensão do tempo, imaterial. E um desejo enorme de luz, de “claridade”. As sonoridades circulam, abertas, limpas, sem lágrimas. Como na simplicidade de “trabalha o lume /na tarde fria (...) e na própria melancolia /sê feliz”, do último poema desta peça, *Tábua*. A música anda por um registo singelo, quase cru, sempre à procura de voltar-se para fora, empurrada pelas palavras. São elas que determinam os gestos e a expressão. São elas também que organizam o que este espaço quadrangular é, como peça única, tocada sem qualquer interrupção entre os quatro poemas.

Composta para uma formação de que gosto muito – com clarinete e violoncelo, para além do habituais soprano e piano do *lied* – esta peça foi escrita para o Quarteto Contratempus, que a estreou no Museu de Arte Contemporânea de

Programa

Fernando C. Lapa

Destinos

sobre quatro poemas de José Manuel Mendes, para soprano, viola, violoncelo e piano

Encomendas da Temporada Darcos:

Fábio Cachão

points, shapes and colour

para violino, viola, viola e piano

João Madureira

Arcos para Pärt

para trio de cordas e piano

Tomás Borrhalho

Quarteto de piano

para piano, viola e violoncelo

Nuno Côrte-Real

Noite Antiquíssima (op. 7)

para declamador, soprano, violino, contrabaixo e piano

Vigo. Vai ser apresentada numa transcrição para soprano, viola, violoncelo e piano.

Fernando C. Lapa

Todo e qualquer espetáculo tem associado elementos dramáticos, teatrais. Existe uma organicidade dos vários elementos simplesmente explicável pela repetição e experiência das forças envolvidas em frequentar núcleos artísticos. Desde o momento em que as portas da frente de sala abrem até à primeira nota ser tocada, existe uma inúmera sucessão de acontecimentos e andamentos de compasso e dificuldade distintos de uma beleza tremenda, que se tornam inexplicavelmente irrelevantes no começo de qualquer evento artístico. Esta peça procura dar continuidade a esta organicidade e genuinidade iniciada pela audiência. É a tentativa de captar a nuance, a constante mutação e movimento na música através de conexões e permanente transformações sonoras.

É, por outro lado, através de ideias bastante visuais e plásticas que a peça musical nasce - linhas, formas, cor, objeto, movimento, grelha, gesto, imploração, conflito, etc. Em última análise, o ponto de partida para esta peça é a consciência de que é o cruzamento entre os vários ramos artísticos e a realidade que nos abraça, que permite reconhecer a próxima meta.

Fábio Cachão

Esta peça é um testemunho pessoal do modo como experimento o tempo e o espaço. Um tempo feito do encontro de

tempos diversos, que nos habituámos a separar, e um espaço feito do encontro de geografias distintas, que no entanto são extremamente afins. Por isso, onde outros insistiram em ver uma cisão estética que marcou o século XX, eu vejo uma continuidade, um diálogo. *Arcos* deve o seu nome a este esforço de abraçar realidades aparentemente distintas e é dedicada ao Ensemble Darcos.

João Madureira

Quarteto de piano embarca numa série de episódios melódicos. Anseia constantemente o fim para que possa descansar e desaparecer para sempre. Os episódios desvanecem-se da forma, e nada mais importa senão uma peça a despedir-se dos músicos que a tornam real e do público que a testemunha.

Tomás Borralho

Uma das características / traços mais salientes na obra de Côte-Real tem sido a sua relação umbilical com a cultura e, sobretudo, com a poesia portuguesa. São já inúmeros os poetas que o compositor pôs em música ou dos quais tirou inspiração: Pessoa, Pascoaes, Régio, Agostinho da Silva, Eugénio de Andrade, Florbela Espanca ou Herberto Helder. Inspirada no poema homónimo de Fernando Pessoa / Álvaro de Campos, a *Noite Antiquíssima op.7*, composta em 1999, pertence a um primeiro período criativo quando Nuno Côte-Real estudava composição em Roterdão. É, pois, uma obra de transição estilística, onde ainda é muito manifesta a influência das poéticas académicas mas na qual aparecem já esboçadas algumas das princi-

pais ideias que posteriormente definirão o estilo singular do compositor. Do ponto de vista estrutural predomina um tipo de construção gestual, descontínua, de carácter quase expressionista, em que a condução musical é determinada, sobretudo, pela interpretação do poema. O material originário vai sendo variado através de metamorfoses em que se passa, por vezes abruptamente, de uma atmosfera serena a momentos de grande violência, de acordo com o movimento psicológico do poema, até atingir, no final, uma intensidade mais lírica. Uma linha melódica sinuosa, que nasce da expansão gradual de uma pequena célula, transformando-se à medida que cresce, ora sensual e expressiva, ora intensamente dramática, ora cortada abruptamente por gestos violentos ou por silêncios tensos. Este é um estilo que o compositor tende progressivamente a abandonar em favor de uma condução mais horizontal, mais temática, narrativa e sensual.

Afonso Miranda, sobre a obra de Nuno Côte-Real

Ensemble Darcos

Criado em 2002, pelo compositor e maestro Nuno Côrte-Real, tem como principal propósito a interpretação dos grandes compositores europeus de música de câmara, como Beethoven, Brahms ou Debussy, e a música do próprio Côrte-Real. Em termos instrumentais, varia a sua formação consoante o programa que apresenta, de duos a quintetos, até à típica formação novecentista de 15 músicos, que tem como base a violetista Reyes Gallardo, o pianista Helder Marques, o violoncelista Filipe Quaresma e os violinistas Gaël Rassart e Paula Carneiro. Convida regularmente músicos de excelência oriundos de várias regiões do globo, como o violoncelista Mats Lidström, os violinistas Massimo Spadano, Giulio Plotino e Junko Naito, o pianista António Rosado, a violetista Ana Bela Chaves ou o percussionista Miquel Bernat. Interpreta regularmente programas líricos, onde tem convidado alguns dos mais importantes cantores portugueses da atualidade: Cátia Moreso, Eduarda Melo, Luís Rodrigues, Dora Rodrigues ou Job Tomé.

Desde 2006 que faz uma residência artística em Torres Vedras, tendo iniciado em 2008 a Temporada Darcos – série de concertos de música de câmara e sinfónicos –, alargando o espectro do grupo, dos seus músicos e da sua programação.

Da sua atividade, destacam-se: concertos na sala Magnus em Berlim (2007); interpretação do Triplo Concerto para violino, violoncelo,

piano e orquestra de Beethoven, na igreja de St. John's Smith Square, em Londres, com direção musical de Nuno Côrte-Real; participação regular nas últimas edições dos Dias da Música, em Lisboa. Em 2014, apresentou-se no Festival Internacional de Música de Póvoa de Varzim e, em 2017, participou no Serralves em Festa, com a cantora Maria João.

Para além da parceria com a RTP / Antena 2, na gravação e transmissão em direto de inúmeros concertos, destacou-se a gravação para TV, em 2010, de canções de Cole Porter (arranjo de Nuno Côrte-Real) com os cantores Sónia Alcobaça e Rui Baeta, numa parceria com a Camerata du Rhône, projeto que levou o grupo a Lyon, França.

Tem dois discos gravados: *Volupia*, inteiramente dedicado à obra de câmara de Nuno Côrte-Real (Numérica, 2012); *Mirror of the soul*, com obras de E. Carrapatoso, S. Azevedo, N. Côrte-Real e D. Davis (Odradek, 2016).

Nuno Côrte-Real

Lisboa, 1971. Tem vindo a afirmar-se como um dos mais importantes compositores e maestros portugueses. Das suas estreias destacam-se *7 Dances to the death of the harpist* na Kleine Zaal do Concertgebouw, *Pequenas músicas de mar* na Purcell Room em Londres, *Concerto Vedras* na St. Peter's Episcopal Church em Nova York, *Novíssimo Cancioneiro* no Siglufirdi Festival em Reikiavik e *Andarilhos - música de bailado* na Casa da Música no Porto. Dos grupos, solistas e maestros que

têm tocado a sua música destacam-se: Orquestra Sinfónica Portuguesa, Coro do Teatro Nacional de São Carlos, Coro e Orquestra Gulbenkian, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Remix Ensemble, Royal Scottish Academy Brass, Orchestrutopica, Lawrence Renes, Julia Jones, Stefan Asbury, Ilan Volkov, Kaasper de Roo, Christoph Konig, David Alan Miller, Paul Crossley, John Wallace, Mats Lidström, Paulo Lourenço e Cesário Costa.

É fundador e diretor artístico do Ensemble Darcos e assina artisticamente a Temporada Darcos.

A sua discografia inclui canções tradicionais portuguesas (Portugal Som e Numérica), *Pequenas Músicas de Mar* (Deux-Elles), o bailado *Andarilhos* (Numérica) em coprodução com a Casa da Música, e *Largo Intimíssimo* (Classic Concert Records).

Nuno Côrte-Real trabalhou com: Michael Hampe, Pedro Cabrita Reis, Maria Emília Correia, Victor Hugo Pontes, André Teodósio, João Henriques, Rui Lopes Graça, Paulo Matos e Margarida Bettencourt, entre outros. Em 2007, apresentou as óperas de câmara *A Montanha* e *O Rapaz de Bronze*, encomendas da Fundação Calouste Gulbenkian e Casa da Música, respetivamente. Para o Teatro Nacional de São Carlos criou, em 2009, o intermezzo *O Velório de Cláudio*, com libreto de José Luís Peixoto, e, em 2011, a ópera *Banksters*, com libreto de Vasco Graça Moura e encenação de João Botelho.

Como maestro, dirigiu: Mahler Chamber Orchestra, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Ciudad

Granada, Real Filharmonía de Galicia, Orquestra de Extremadura, Orquestra Fundación Excelentia (Madrid), Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra do Norte, Orquestra do Algarve, Orquestra Filarmónica das Beiras e Orchestrutopica.

Tem participado em vários festivais internacionais de música, onde se destacam os de Sintra, Estoril / Lisboa e de Póvoa de Varzim, e dirigido solistas tais como Elisabete Matos, Artur Pizarro, Massimo Spadano, Nicola Ulivieri, Ana Quintans, Filipe Pinto Ribeiro, Adriano Jordão, Filipe Quaresma e Luís Rodrigues, entre outros.

Foi bolseiro do Centro Nacional de Cultura. Em 2003, foi-lhe atribuída a medalha de Mérito Cultural da Câmara Municipal de Torres Vedras. Com o ciclo de canções *Agora Muda Tudo*, ganhou o prémio SPA 2018 de Melhor Trabalho de Música Erudita.

Fernando C. Lapa

Nascido em Vila Real, em 1950, estudou no Conservatório de Música do Porto, onde concluiu o Curso Superior de Composição, na classe do professor Cândido Lima. É autor de uma obra extensa com perto de 300 peças, abrangendo praticamente todos os géneros. Algumas das suas obras têm sido repetidamente executadas, em muitas centenas de concertos, tanto no país como no estrangeiro, incluindo transmissões pela RDP, RTP e outras estações de rádio e televisão, nacionais e estrangeiras. Está representado em dezenas de gravações em CD e tem partituras editadas em

Portugal, França e Alemanha. Crítico de música do jornal Público, entre 1994 e 2006. Lecionou em diversas escolas de todos os níveis de ensino, nomeadamente no Conservatório de Música do Porto e na ESMAE. Atualmente dedica-se à composição, respondendo a encomendas e solicitações de diversas instituições e intérpretes.

Fábio Cachão

Licenciado em Composição, ESML. Atualmente frequenta o Mestrado em Ensino da Música na mesma instituição.

Como jovem compositor, a sua lista de obras inclui: *Diptico para um Oceano* (2016), estreada pela Banda Sinfónica Portuguesa na Casa da Música, gravada e editada em CD e partitura pela editora holandesa Molenaar; *...for the right reasons* (2016), encomenda Antena 2 / PJM; *Intermitências* (2015), estreada pela Orquestra Gulbenkian e galar-dada com o Prémio de Composição SPA / Antena 2.

Combina a sua atividade de compositor com a produção, exercendo funções de produtor do Coro Gulbenkian na Fundação Calouste Gulbenkian.

João Madureira

A sua produção inclui música orquestral, de câmara, operática e para instrumentos solistas, cinema e teatro. As suas obras têm sido apresentadas em vários festivais nacionais e internacionais, em Portugal, na Europa, na Ásia e na América do Sul, por formações como o Ensemble Neue Musik,

a Orchestrutopica, o Remix Ensemble, a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica Nacional da Ucrânia, o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, o Ensemble L'Itinénaire, o Sond'Ar-te Electric Ensemble, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, Sete Lágrimas, a Orquestra Metropolitana de Lisboa e o Officium Ensemble.

Teve encomendas de: Fundação Calouste Gulbenkian, Culturgest, Expo'98, Centro Cultural de Belém, IPPAR, Casa da Música, Teatro da Cornucópia, Teatro Nacional de São João, Presidência da República Portuguesa, Teatro Nacional D. Maria II, Miso Music Portugal, Festival Internacional de Música do Estoril, Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, Arte das Musas e Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Santuário de Fátima e Cisternmúsica – Festival de Música de Alcobaça.

Em 1998 recebeu o Prémio ACARTE / Maria Madalena Azeredo Perdigão da Fundação Gulbenkian, pela peça *Poemúsica*, para piano e recitante, sobre poemas de Herberto Helder.

A sua obra está gravada em editores como La Ma de Guido (Espanha), Deux-Elles (Reino Unido), Arte das Musas, Numérica e AVA Musical Editions (Portugal).

Depois de estudar Composição em Portugal, estudou em Itália, Alemanha e França, com Franco Donatoni, York Höller e Ivan Fedele. Terminou recentemente o doutoramento em Ciências Musicais Históricas na UNL, dedicada

à música operática de Luciano Berio. Ensina Composição na ESML.

Tomás Borralho

Nasceu em 1992, em Peniche. Iniciou os seus estudos musicais com Jorge Pereira em Análise e Técnicas da Composição e História da Música, em 2009. É licenciado em Composição e mestre em Ensino da Música desde 2017, na Escola Superior de Música de Lisboa. Completou os seus estudos sob orientação de António Pinho Vargas, Sérgio Azevedo, Luís Tinoco e Carlos Marecos. Dá aulas de instrumento (percussão) e teoria musical, desde 2012.

Inês Simões

Jovem soprano cuja versatilidade lhe permite cantar um vasto repertório, desde o Barroco à música contemporânea.

Trabalhou com: os maestros Magnus Lindberg, Hannu Lintu, Paul McCreesh, Sian Edwards, Jean-Sébastien Béreau, Marcelo de Jesus, Nuno Côrte-Real, Rui Pinheiro e João Paulo Santos; e os encenadores Kristina Helin, Olivia Fuchs, Max Hoehn, Claudio Hochmann, Fernanda Lapa, Figueira Cid e Alexandre Lyra Leite. Colaborou com a Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Gulbenkian, Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras, Ensemble d'Arcos e Ensemble Contemporaneus. Apresentou-se na Fundação Calouste Gulbenkian, Barbican Hall, Barbican

Pit, Sadler's Wells, London Coliseum, British Museum, Millennium Centre, bem como nos festivais Dias da Música no CCB, Terras Sem Sombras, Música na Fábrica, Oxford Lieder Festival, Song in the City Concert, Grimeborne Festival e Tête-à-Tête e ainda na BBC Radio 3 In Tune e Antena 2.

Em ópera, sublinham-se a estreias mundiais de *Play* de Jamie Man, *Tabacaria* de Luís Soldado e *The Fisherman's Brides* de Lucie Treacher, e as estreias nacionais de *Onheama* de João Guilherme, *Ripper*, *King Harald's Saga* de Judith Weir, *The Waiter's Revenge* de Stephen Oliver e *Hummas* de Zad Moulata. Do repertório standard contam-se os papéis de Contessa (*Le Nozze di Figaro*, Mozart), Susanna (Wolf-Ferrari), Gretel (Humperdinck), Giulia (*La Scala di Seta*, Rossini), Rita (Donizetti), Clarice (*Il Mondo della Luna*, Haydn), Bubikopf (*Der Kaiser von Atlantis*, Ullmann), Aminta (*Il Re Pastore*, Mozart) e Bastienne (Mozart).

Em oratória, estreou-se na Fundação Calouste Gulbenkian ao lado de Iestyn Davies em *Solomon*, de Haendel, e em *Messias*. Participou ainda em obras de Marcos de Portugal, Mozart, Rossini, Schubert, Rutter e Orff.

Estreou mais de 10 obras encomendadas para a sua voz, destacado-se os compositores Jamie Man, Nuno da Rocha, Igor C. Silva, Daniel Moreira, Pedro Faria Gomes, Federic Neyrinck e Miguel Azguime.

Tem desenvolvido uma longa colaboração com o pianista Daniel Godinho. O Duo Tágide apresenta-se regularmente por todo o país tendo,

em 2015, lançado o CD *Alma Ibérica* (Sonus Music). É mestre em Artes, Estudos Vocais Avançados, pela Wales International Academy of Voice, onde estudou com Dennis O'Neill, e em Canto pela Guildhall School of Music and Drama, onde ganhou o Tracey Chadwell Memorial Prize. É licenciada pela Academia Nacional Superior de Orquestra. Ganhou o 3.º lugar do Prémio Jovens Músicos 2010 e o 2.º lugar no Prémio José Alegria em 2008.

Próximo espetáculo

Vera Mantero

As Práticas Propiciatórias
dos Acontecimentos Futuros
Integrado no Alkantara Festival

© Ernesto Sousa, 1968 · Coleção Isabel Alves / DGPC / ADF



Dança Ter 29, qua 30, qui 31 de maio

Palco do Grande Auditório · 21h30 (qui 19h)

Duração aproximada: 1h · M14

O espetáculo trabalha o que Ernesto de Sousa dizia procurar na arte popular: uma arte de soluções formais em vez de simples repetição de padrões. Espetáculo integrado no Alkantara Festival.

Próximo espetáculo de música

Sofia Jernberg e Alexander Hawkins

Ciclo “Isto é Jazz?”
Comissário: Pedro Costa

© Petra Cvelbar



Música Sex 8 de junho

Pequeno Auditório · 21h30 · Duração: 1h · M6

Uma cantora sueca de ascendência etíope com percurso no jazz e na música erudita contemporânea junta-se a um pianista e organista britânico de formação clássica e atividade no jazz criativo e na improvisação livre.

Conselho Diretivo

Presidente

José Ramalho

Administradores

Mark Deputter (Direção Artística)

Manuela Duro Teixeira

Assessores

Delfim Sardo (Artes Visuais)

Pedro Santos (Música)

Liliana Coutinho (Debate
e encontros)

Francisco Frazão (assessor Teatro
temporada 2017-2018)

Gil Mendo (assessor Dança
temporada 2017-2018)

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos
(coordenadora)

João Belo

Helena Salgueiro (estagiária)

Tatiana São (estagiária)

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Adriana Mestre (estagiária)

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Catarina Medina

Bruno Pereira

Publicações

Maria João Santos

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona
(coordenadora)

Patricia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Nina Ferreira
(coordenadora)

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

José Rui Silva

Direção de Cena

José Manuel Rodrigues

Técnicos Audiovisuais

Américo Firmino (coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico de palco

Vasco Branco

Frente de Casa e Bilheteira

Rute Sousa (coordenadora)

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Miguel Caissotti (conservador)

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Jennifer do Coito (estagiária)

Carolina Machado (estagiária)

Flávia Ferreira (estagiária)

Edifício Sede da Caixa Geral de
Depósitos · Rua Arco do Cego nº50,
1000-300 Lisboa · 21 790 51 55
www.culturgest.pt